

Oswald de Andrade

Pau-Brasil

Obra Completa

Sumário

Por ocasião da descoberta do Brasil	3
História do Brasil	7
Pero Vaz de Caminha	8
Gandavo	9
O capuchinho Claude d'Abbeville	11
Frei Vicente do Salvador	13
Fernão Dias Paes	14
Frei Manuel Calado	15
J.M.P.S.	16
Príncipe Dom Pedro	17
Poemas da Colonização	18
São Martinho	23
r p 1	29
Carnaval	35
Secretário dos amantes	37
Postes da Light	41
Roteiro das Minas	51
Lóide Brasileiro	61

por ocasião da
descoberta do brasil

ESCAPULÁRIO

No Pão de Açúcar
De Cada Dia
Dai-nos Senhor
A Poesia
De Cada Dia

FALAÇÃO

O Cabralismo. A civilização dos donatários. A Querência e a Exportação.

O Carnaval. O Sertão e a Favela. Pau-Brasil. Bárbaro e nosso.

A formação étnica rica. A riqueza vegetal. O minério. A cozinha. O vatapá, o ouro e a dança.

Toda a história da Penetração e a história comercial da América. Pau-Brasil.

Conta a fatalidade do primeiro branco aportado e dominando diplomaticamente as selvas selvagens. Citando Virgílio para tupiniquins. O bacharel.

País de dores anônimas. De doutores anônimos. Sociedade de naufragos eruditos.

Donde a nunca exportação de poesia. A poesia emaranhada na cultura. Nos sipós das metrificações.

Século XX. Um estouro nos aprendimentos. Os homens que sabiam tudo se deformaram como babéis de borracha. Rebentaram de anciclopedismo.

A poesia para os poetas. Alegria da ignorância que descobre. Pedr'Álvares.

Uma sugestão de Blaise Cendrars: - Tendes as locomotivas cheias, ides partir. Um negro gira a manivela do desvio rotativo em que estais. O menor descuido vos fará partir na direção oposta ao vosso destino.

Contra o gabinetismo, a palmilhação dos climas.

A língua sem arcaísmo. Sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros.

Passara-se do naturalismo à pirogravura doméstica e à kodak excursionista.

Todas as meninas prendadas. Virtuoses de piano de manivela.

As procissões saíram do bojo das fábricas.

Foi preciso desmanchar. A deformação através do impressionismo e do símbolo. O lirismo em folha. A apresentação dos materiais.

A coincidência da primeira construção brasileira no movimento de reconstrução geral. Poesia Pau-Brasil.

Contra a argúcia naturalista, a síntese. Contra a cópia, a invenção e a surpresa.

Uma perspectiva de outra ordem que a visual. O correspondente ao milagre físico em arte. Estrelas fechadas nos negativos fotográficos.

E a sábia preguiça solar. A reza. A energia silenciosa. A hospitalidade.

Bárbaros, pitorescos e crédulos. Pau-Brasil. A floresta e a escola. A cozinha, o minério e a dança. A vegetação. Pau-Brasil.

História do Brasil

PERO VAZ CAMINHA

A DESCOBERTA

Seguimos nosso caminho por este mar de longo
Até a oitava da Páscoa
Topamos aves
E houve vista de terra

OS SELVAGENS

Mostraram-lhes uma galinha
Quase haviam medo dela
E não queriam por a mão
E depois a tomaram como espantados

PRIMEIRO CHÁ

Depois de dançarem
Diogo Dias
Fez o salto real

AS MENINAS DA GARE

Eram três ou quatro moças bem moças e bem gentis
Com cabelos mui pretos pelas espáduas
E suas vergonhas tão altas e tão saradinhas
Que de nós as muito bem olharmos
Não tínhamos nenhuma vergonha

GANDAVO

HOSPEDAGEM

Porque a mesma terra he tal
E tam favorável aos que vam buscar
Que a todos agazalha e convida

COROGRAFIA

Tem a forma de hua harpa
Confina com as altíssimas terras dos Andes
E faldas do Peru
As quais são tão soberbas em cima da terra
Que se diz terem as aves trabalho em as passar

SALUBRIDADE

O ser ella tam salutífera e livre de enfermidades
Procede dos ventos que cruzam nella
E como todos procedem da parte do mar
Vem tam puros e coados
Que nam somente nam danam
Mas recream e accrescentam a vida do homem

SISTEMA HIDROGRÁFICO

As fontes que há na terra sam infinitas
Cujas águas fazem crescer a muytos e muy grandes rios
Que por esta costa
Assi da danda do Norte como do Oriente

Entram no mar oceano

PAÍS DO OURO

Todos têm remédio de vida
E nenhum pobre anda pelas portas
A mendigar como nestes Reinos

NATUREZA MORTA

A esta fruta chamam Ananazes
Depois que sam maduras têm un cheiro muy suave
E come-se aparados feitos em talhada
E assi fazem os moradores por elle mais
E os têm em mayor estima
Que outro nenhum pomo que aja na terra

RIQUEZAS NATURAIS

Muitos mataes pepinos romans e figos
De muitas castas
Cidras limões e laranjas
Um infinidade
Muitas cannas daçucro
Infinito algodam
Também há muito paobrasil
Nestas capitánias

FESTA DA RAÇA

Hu certo animal se acha também nestas partes
A que chamam Preguiça
Tem hua guedelha grande no toutiço
E se move com passos tam vagarosos
Que ainda que ande quinze dias aturado
Não vencerá a distância de hu tiro de pedra

O CAPUCHINHO CLAUDE D'ABBEVILLE

A MODA

Les femmes n'ont point la lèvre percée
Mais en récompense
Elles ont les oreilles trouées
Et elles s'estiment aussi braves
Avec des rouleaux de bois dedans les trous
Que font les dames de perdeça
Avec leurs grosses et riches diamants

CÁ E LÁ

Cette coutume de marcher nud
est merveilleusement difforme et deshonneste
N'estant peut estre si dangereuse
Ni si attrayante
Que les nouvelles inventions
Des dames de perdeça
Qui ruinent plus d'âmes
Que ne le font les filles indiennes

O PAÍS

Il y a une fontaine
Au beau milieu
Particulière en beauté
Et en bonté
Des eaux vives et très claires
Rejillissent dicelle

Et ruissellent dedans la mer
Estant environnée
De palmiers guyacs myrtes
Sur lesquels
On voit souvent
Des monnes et guenons

FREI VICENTE DO SALVADOR

PAISAGEM

Cultivam-se palmares de cocos grandes
Principalmente à vista do mar

AS AVES

Há águias de sertão
E emas tão grandes como as de África
Umas brancas e outras malhadas de negro
Que com uma asa levantada ao alto
Ao modo de vela latina
Correm com o vento

AMOR DE INIMIGA

Posto que alguma
Pelo amor que lhe tem
Solta também o preso
E se vae com elle para suas terras

PROSPERIDADE DE SÃO PAULO

Ao redor desta vila
Estão quatro aldeias de gentio amigo
Que os padres da Companhia doutrinam
Fora outro muito
Que cada dia desce do sertão

FERNÃO DIAS PAES

CARTA

Partirei
com quarente homens brancos afora eu
E meu filho
E quatro tropas de mossos meus
Gente escoteyra com pólvora e chumbo

Vossa Senhoria
Deve considerar que este descobrimento
É o de maior consideração
Em rasam do muyto rendimento
E também esmeraldas

FREI MANOEL CALADO

CIVILIZAÇÃO PERNAMBUCANA

As mulheres andam tão louças
E tão custosas
Que não se contentam com os tafetás
São tantas as jóias com que se adornam
Que parecem chovidas em suas cabeças e gargantas
As pérolas rubis e diamantes
Tudo são delícias
Não parece esta terra senão um retrato
Do terreal paraíso

J.M.P.S.
(da cidade do porto)

VÍCIO NA FALA

Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió
Para pior pió
Para telha dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados

PRÍNCIPE DOM PEDRO

CARTA AO PATRIARCA

Tendo pensanteado toda a noite
Assentei passar revista aos Granadeiros
Assim se os enxergar esta tarde no Rossio
Não assente ver Bernarda

Encumbi ao Miquilina
E ao Major do Regimento dos Pardos
Para virem me dar parte
De tudo que se disser pelos Botequins

Estimarei que approve esta medida
E assento que melhores
E mais fiéis e adherentes à causa do Brasil
Do que os Pardos meus amigos
Ninguém

Poemas da Colonização

A TRANSAÇÃO

O fazendeiro criara filhos
Escravos escravas
Nos terreiros de pitangas e jabuticabas
Mas um dia trocou
O ouro da carne preta e musculosa
As gabiobas e os coqueiros
Os monjolos e os bois
Por terras imaginárias
Onde nasceria a lavoura verde do café

FAZENDA ANTIGA

O narciso marceneiro
Que sabia fazer moinhos e mesas
E mais o Casimiro da cozinha
Que aprendera no Rio
E o Ambrósio que atacou Seu Juca de faca
E suicidou-se
As dezenove pretinhas grávidas

NEGRO FUGIDO

O Jerônimo estava numa outra fazenda
Socando pilão na cozinha
Entraram
Grudaram nele
O pilão tombou
Ele tropeçou
E caiu

montaram nele

O RECRUTA

O noivo da moça
Foi para a guerra
E prometeu se morresse
Vir escutar ela tocar piano
Mas ficou para sempre no Paraguai

CASO

A mulatinha morreu
E apareceu
Berrando no moinho
Socando pilão

O GRAMÁTICO

Os negros discutiam
Que o cavalo sipantou
Mas o que mais sabia
Disse que era
Sipantorrou

O MEDROSO

A assombração apagou a candeia
Depois no escuro veio com a mão
Pertinho dele
Ver se o coração ainda batia

CENA

O canivete voou

E o negro comprado na cadeia
Estatelou de costas
E bateu coa cabeça na pedra

O CAPOEIRA

- Qué apanhá sordado?
- O quê?
- Qué apanhá?
Pernas e cabeça na calçada

MEDO DA SENHORA

A escrava pegou a filhinha nascida
Nas costas
E se atirou no Paraíba
Para que a criança não fosse judiada

LEVANTE

Contam que houve uma porção de enforcados
E as caveiras espetadas nos postes
Da fazenda desabitada
Miavam da noite
No vento do mato

A ROÇA

Os cem negros da fazenda
comiam feijão
Abóbara chicória e cambuquira
Pegavam uma roda de carro
Nos braços
azorrague

- Chega! Perdoa!

Amarrados na escada
A chibata preparava os cortes
Para a salmoura

RELICÁRIO

No baile da Corte
Foi o Conde d'Eu quem disse
Pra Dona Benvinda
Que farinha da Suruí
Pinga de Parati
Fumo de Baependi
Ê comê bebê pitá e caí

SENHOR FEUDAL

Se Pedro Segundo
Vier aqui
Com história
Eu boto ele na cadeia

São Martinho

NOTURNO

Lá fora o luar continua
E o trem divide o Brasil
Como um meridiano

PROSPERIDADE

O café é o ouro silencioso
De que a geada orvalhada
Arma torrefações ao sol
Passarinhos assoviam de calor
Eis-nos chegados à grande terra
Dos cruzados agrícolas
Que no tempo de Fernão Dias
E da escravidão
Plantaram fazendas como sementes
E fizeram filhos nas senhoras e nas escravas
Eis-nos diante dos campos atávicos
cheios de galos e de reses
Com porteiras e trilhos
Usinas e igrejas
Caçadas e frigoríficos
Eleições tribunais e colônias

PAISAGEM

O cafezal é um mar alinhavado
Na aflição humorística dos passarinhos
Nuvens constroem cidades nos horizontes dos carreadores
E o fazendeiro olha os seus 800 000 pés coroados

BUCÓLICA

Agora vamos correr o pomar antigo
Bicos aéreos de patos selvagens
Tetas verdes entre folhas
E uma passarinhada nos vaia
Num tamarindo
Que decola para o anil
Árvores sentadas
Quitandas vivas de laranjas maduras
Vespas

ESCOLA RURAL

As carteiras são feitas para anõezinhos
De pé no chão
Há uma pedra negra
Com sílabas escritas a giz
A professora está de licença
E monta guarda a um canto numa vara
A bandeira alvi-negra de São Paulo
Enrolada no Brasil

PAI NEGRO

Cheio de rótulas
Na cara nas muletas
Pedindo duas vezes a mesma esmola
Porque só enxerga uma nuvem de mosquitos

ASSOMBRAÇÃO

6 horas
O Domingos Papudo
E a besta preta

Nadando no vento

LEI

Depois da criação do município novo
Plantado depressa nas ruas de poeira
Os bebês inumeráveis da colônia
Serão registrados em Pradópolis

TRAGÉDIA PASSIONAL

Hoje acendem velas
Na cruz no mato
E há uma inscrição
Dizendo que o cadáver da moça
Foi achado nel Rio del'Onza

MORRO AZUL

Passarinhos
Na casa que ainda espera o Imperador
As antenas palmeiras escutam Buenos-Aires
Pelo telefone sem fios
Pedacos do céu nos campos
Ladrilhos no céu
O ar sem veneno
O fazendeiro na rede
E a Torre Eiffel noturna e sideral

O VIOLEIRO

Vi a saída da lua
Tive um gosto singulá
Em frente da casa tua
São vortas que o mundo dá

MATE CHIMARRÃO

Depois da churrascada
Ao fogo e ao vento
O cavaleiro do gado
Trouxe ouro em pó
E uma cuia festiva
Para sorvermos a digestão

A LAÇADA

O Bento caiu como um touro
No terreiro
E o médico veio de Chevrolé
Trazendo um prognóstico
E toda a minha infância nos olhos

VERSOS DE DONA CARRIE

A neblina nos segue como um convidado
Mas há um clarão para as bandas de Loreto
Cafezais
Cidades
Que a Paulista recorta
Coroa colhe e esparrama em safras
A nova poesia anda em Gofredo
Que nos espera da Forde
Numa roupa de fazenda
É ele quem cuida da plantação
E organiza a sarraria como um poema
O time feminino nos bate
Mas Cendrars faz a última carambola
Soldado de todas as guerras
Foi ele quem salvou a França na Champagne
E os homens na partida de bilhar daquela noite
Terraço
Rede

Paineiras pelo céu
As estrelas de Gonçalves Dias

METALÚRGICA

1 300° à sombra dos telheiros retos
12 000 cavalos invisíveis pensando
40 000 toneladas de níquel amarelo
Para sair o nível das águas esponjosas
E uma estrada de ferro nascendo do solo
Os fornos estroçados
Dão o gusa e a escória
A refinação planta barras
E lá embaixo os operários
Forjam as primeiras lascas de aço

r p 1

3 DE MAIO

Aprendi com meu filho de dez anos
Que a poesia é a descoberta
Das coisas que eu nunca vi

POEMA DO SANTUÁRIO

Já estive diversas vezes na Aparecida
Onde há uma velha luta
Que é uma antiga disputa
Entre duas casas comerciais
Que querem ao mesmo tempo ser
Na ladeira se sol
A Verdadeira Casa Verde

DITIRAMBO

Meu amor me ensinou a ser simples
Como um largo de igreja
Onde não há nem um sino
Nem um lápis
Nem uma sensualidade

SOL

Uma vez fui a Guará
A Guaratinguetá
E agora

Nesta hora de minha vida
Tenho uma vontade vadia
Como um fotógrafo

GUARARAPES

Japoneses
Turcos
Miguéis
Os hotéis parecem roupas alugadas
Negros como num compêndio de história pátria
Mas que sujeito loiro

WALZERTRAUM

Aqui dá arroz
Feijão batata
Leitão e patarata
Passam 18 trens por dia
Fora os extraordinários
E o trem leiteiro
Que leva leite para todos os bebês do Rio de Janeiro
Apitos antigos apitam
Sentimentalmente
Eu gosto dos santuários
Das viagens
E de alguns hotéis
O Bertolini's em Nápoles
O d'Angleterre em Caen
Onde Brummel morreu
O hotel da Viúva Fernanda na Aparecida
E um hotel sem nome
Na fronteira de Portugal
Onde uma mulher bonita
Quis fazer pipi
Pela primeira vez

FIM E COMEÇO

A noite caiu com licença da Câmara
Se a noite não caíse
Que seriam dos lampiões?

CIDADE

Foguetes pipocam o céu quando em quando
Há uma moça magra que entrou no cinema
Vestida pela última fita
Conversas no jardim onde crescem bancos
Sapos
Olha
A iluminação é de hulha branca
Mamães estão chamando
A orquestra rabecoa na mata

BONDE

O transatlântico mesclado
Dlendlena e esguisha luz
Postretutas e famias sacolejam

VADIAGEM MÍSTICA

Passei quase toda a manhã na Basílica
Rezando e olhando
Vi dois casamentos
Bentos
De fraque
O Sacristão chama-se Seu Bentinho
E a gente logo que sai da igreja
Cai no rio espraiado
O hoteleiro de meu hotel
Tem cor de medalha de pescoço
E conta-me que houve cafezais
Nos pastos

Nos Bambuzais
Se eu me casasse
Queria uma orquestra
Bem besta

POEMA DA CACHOEIRA

É a mesma estação rente do trem
Toda de pedra furadinha
Mau pai morou alguns anos aqui
Trabalhando
Um dia liquidou
Ativo passivo
Cinco galinhas
E deram-lhe uma passagem de presente
Para que eu nascesse em São Paulo
Como não houvesse entrada de rodagem
Ele foi na de ferro
Comprando frutas pelo caminho

CARRO RESTAURANTE

Portugal ao longo do tejo
Para dentro de Portugal
Casas amontoadas no dia azul
Um queijo da Estrela
Figos e estrelas
Creme Brasil
Indústria Vassourense
Doce de leite
Água de Caxambu
A natureza
Sobre a mesa

NOVA IGUAÇU

Confeitaria Três Nações
Importação e Exportação

Açougue Ideal
Leiteria Moderna
café do Papagaio
Armarinho União
No país sem pecados

AGENTE

Quartos para famílias e cavalheiros
Prédio de 3 andares
Construído para esse fim
Todos de frente
Mobiliados a estilo moderno
Modern Style
Água telefone elevadores
Grande terraço sistema yankee
Donde se descortina o belo panorama
De Guanabara

CAPITAL DA REPÚBLICA

Temperatura de bolina
O orgulho de ser branco
Na terra morena e conquistada
E a saída para as praias calçadas
Arborizadas
A Avenida se abana com as folhas miúdas
Do Pau-Brasil
Políticos dormem ao calor do Norte
Mulheres se desconjuntam
Bocas lindas
Sujeitos de olheiras brancas
O Pão de Açúcar artificial

Carnaval

NOSSA SENHORA DOS CORDÕES

Evoé

Protetora do Carnaval em Botafogo

Mãe do rancho vitorioso

Nas pugnas de Momo

Auxiliadora dos artísticos trabalhos

Do barracão

Patrona do livro de ouro

Proteje nosso querido artista Pedrinho

Como o chamamos na intimidade

Para que o brilhante cortejo

Que vamos sobremeter à apreciação

Do culto povo carioca

E da Imprensa Brasileira

Acérrima defensora da Verdade e da Razão

Sejo o mais luxuoso novo e original

E tenha o veredictum unânime

No grande prélio

Que dentro de poucas horas

Se travará entre as hostes aguerridas

Do Riso e da Loucura

NA AVENIDA

A banda de clarins

Anuncia com os seus clangorosos sons

A aproximação do impetuoso cortejo

A comissão de frente

Composta

De distintos cavaleiros de boa sociedade

Rigorosamente trajados

E montando fogosos corcéis

Pede licença de chapéu na mão
20 crianças representando de vespas
Constituem a guarda de honra
Da Porta-Estandarte
Que é precedida de 20 damas
Fantasiadas de pavão
Quando 40 homens do coro
Conduzindo palmas
E artisticamente fantasiados de papoulas
Abrem a Alegoria
Do Palácio Floral
Entre luzes elétricas

Secretário dos Amantes

I

Acabei de jantar um excelente jantar
116 francos
Quarto 120 francos com água encantada
Cheuffage central
Vês que estou bem de finanças
Beijos e coices de amor

II

Bastão querido
Estou sofrendo
Sabia que ia sofrer
Que tristeza este apartamento de hotel

III

Granada é triste sem ti
Apesar do sol de ouro
E das rosas vermelhas

IV

Mi pensamiento hucia Medina del Campo
Ahora Sevilla envuelta em oro pulverizado
Los naranjos salpicados de frutos
Como uma dádiva a mis ojos enamorados
Sin embargo que tarde la mía

V

Que alegria teu rádio
Fiquei tão contente
Que fui à missa
Na igreja toda gente me olhava
Ando desperdiçando beleza
Longe de ti

VI

Que distância!
Não choro
Porque meus olhos ficam feios

Postes da Light

POBRE ALIMÁRIA

O cavalo e a carroça
Estavam atravancados no trilho
E como o motorneiro se impacientasse
Porque levava os advogados para os escritórios
Desatravancaram o veículo
E o animal disparou
Mas o lesto carroceiro
Trepou na boléia
E castigou o fugitivo atrelado
Com um grandioso chicote

ANHANGABAÚ

Sentados num banco da América folhuda
O cow-boy e a menina
Mas um sujeito de meias brancas
Passa depressa
No Viaduto de ferro

JARDIM DA LUZ

Engaiolaram o resto dos macacos
Do Brasil
Os repuxos desfalecem como velhos
Nos lagos
Almofadinhas e soldados
Gerações cor-de-rosa
Pássaros que ninguém vê nas árvores
Instantâneos e cervejas geladas

Famílias

O FERA

Ei-lo sentado num banco de pedra
Pálido e polido
Como a Cleópatra dos sonetos
Espera as pequenas ingênuas
Que passam de braços
De bruços
Já se esqueceu do retrato na Polícia
Tem a consciência tranqüila
Dum legislador

FOTÓGRAFO AMBULANTE

Fixador de corações
Debaixo de blusas
Álbum de dedicatórias
Marquereau

Tua objetiva pisca-pisca
Namora
Os sorrisos contidos
És a glória

Oferenda de poesias às dúzias
Tripeça dos Logradouros públicos
Bicho debaixo da árvore
Canhão silencioso do sol

A PROCISSÃO

Os chofers ficam zangados
Porque precisam estacar diante da pequena procissão
Mas tiram os bonés e rezam
Procissão tão pequenina tão bonitinha
Perdida num bolso da cidade

Bandeirolas
Opas verdes
Crianças detentoras de primeiros prêmios
De bobice
Vão passo a passo
Bandeirolas
Opas Verdes
Um andor nos ombros mulatos
De quatro filhas alvíssimas de Maria
Nossa Senhora vai atrás
Um milagre de equilíbrio
Mas que o mais eu gosto
Nesta procissão
É o Espírito Santo
Dourado
Para inspirar os homens
De minha terra
Bandeirolas
Opas verdes
O padre satisfeito
De ter parado o trânsito
Com Nosso Senhor nas mãos
E um dobrado atrás

ESCOLA BERLITES

Todos os alunos têm a cara ávida
Mas a professora sufragete
Maltrata as pobres datilógrafas bonitas
E detesta
 The spring
 Der Frühling
 La primavera scapigliata
Há uma porção de livros para ser comprados
A gente fica meio esperando
As campainhas avisarem
As portas se fecham
É formoso o pavão?
De que cor é Senhor Seixas?
Senhor Lázaro traga-me tinta
Qual é a primeira letra do alfabeto?
Ah!

ATELIER

Caipirinha vestida por Poiret
A preguiça paulista reside nos teus olhos
Que não viram Paris nem Piccadilly
Nem as exclamações do homens
Em Sevilha
À tua passagem entra brincos

Locomotivas e bichos nacionais
Geometrizam as atmosferas nítidas
Congonhas descora sob o pálio
Das procissões de Minas

A verdura no azul klaxon
Cortada
Sobre a poeira vermelha

Arranha-céus
Fordes
Viadutos
Um cheiro de café
No silêncio emoldurado

MÚSICA DE MANIVELA

Sente-se diante da vitrola
E esqueça-se das vicissitudes da vida
Na dura labuta de todos os dias
Não deve ninguém que se preze
Descuidar dos prazeres da alma

Discos a todos os preços

A EUROPA CURVOU-SE ANTE O BRASIL

3 a 1
A injustiça de Cette
4 a 0
2 a 1
2 a 0
3 a 1
E meia dúzia na cabeça dos portugueses

LINHA NO ESCURO

É fita de risada
A criança hurla como o vento
Mas os cotovelos se encontram

Mãos descem na calada da lua quadrângula
Enquanto a orquestra cavalos e leiteiros galopam

Entre saias uma lixa humana se arredenda
Mas quando amanhece
A mulher qualquer
Desaparece

PRONOMINAIS

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas do bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro

BIBLIOTECA NACIONAL

A Criança Abandonada
O Doutor Coppelius

Vamos com Ele
Senhorita Primavera
Código Civil Brasileiro
A arte de ganhar no bicho
O Orador Popular
O Pólo em Chamas

O COMBATE

O altofalante parece um palhaço
Mexem toalhas
No ringue verde e amarelo
Benedito ataca e coloca
Diretos diretos
A rádio bandeirantes cinematiza a cem léguas
Vamos gritar
Levou às cordas o branco
Espatifemos as palhetas no ar
Mais um
Que bicho
Desfaleceu
Sob o céu que é uma bandeira azul

Grandes cágados elétricos processionam
A noite cai
Como um swing

APERITIVO

A felicidade anda a pé
Na praça Antônio Prado
São 10 horas azuis
O café vai alto como a manhã de arranha-céus

Cigarros Tietê
Automóveis
A cidade sem mitos

IDEAL BANDEIRANTE

Tome este automóvel
E vá ver o Jardim New-Garden
Depois volta à Rua da Boa Vista
Compre o seu lote
Registe a escritura
Boa firme e valiosa
E more nesse bairro romântico
Equivalente ao célebre
Bois de Boulogne
Prestações mensais
Sem juros

O GINÁSIO

Escutai o tenor boxeur Romão Gonçalves
Desafiador sem medo de Spalla e Benedito
Treinador de Jack Jahnson e do bravo Carpentier
Conforme a fotografia
Vinde todos à Rua Padre João Manuel
Na Penha
Treinar ao ar livre
As senhoritas encontrarão
A Exma. Sra. Carlota Argentina boxista
E os marmanjos verão Romão
Detentor do record do mundo
De cantar e nadar vestido ao mesmo tempo
Acompanhado por uma banda de música
Como se pode ver no cinema
E diante dos Reis da Bélgica
E outros reis

DIGESTÃO

A couve mineira tem gosto de bife inglês
Depois do café e da pinga
O gozo de acender a palha
Enrolando o fumo

De Barbacena ou de Goiás
Cigarro cavado
Conversa sentada

RECLAME

Fala a graciosa atriz
Margarida Perna Grossa

Linda cor - que admirável loção
Considero lindacor o complemento
Da toalete feminina da mulher
Pelo seu perfume agradável
E como tônico do cabelo garçone
Se entendam todas com Seu Fagundes
Único depositário
Nos E. U. Do Brasil

BENGALÓ

Bicos elásticos sob o jérsei
Um maxixe escorrega dos dedos morenos
De Gilberta
Janela
Sotas e azes desertaram o céu das estrelas de rodagem
O piano fox-trota
Domingaliza
Um galo conta no território do terreiro
A campainha telefona
Cretones
O cinema dos negócios
Planos de comprar uma ford
O piano fox-trota
Janela
Bondes

PASSIONÁRIA

Meu amigo
Foi-me impossível vir hoje
Porque Armando veio comigo
Como se foras tu
Necessito muito de algum dinheiro
Arranja-mo
Deixo-te um beijo na porta
De garçonnière
E sou a sinceridade

HÍPICA

Saltos records
Cavalos da Penha
Correm jóqueis de Higienópolis
Os magnatas
As meninas
E a orquestra toca
Chá
Na sala de cocktails

Roteiro das Minas

CONVITE

São João del Rei
A fachada do Carmo
A igreja branca de São Francisco
Os morros
O córrego do Lenheiro

Ide a São João del Rei
De trem
Como os paulistas foram
A pé de ferro

IMUTABILIDADE

Moça bonita em penca
Sete-lagoas
Sabará
Caetés
O córrego que ainda tem ouro
Entre a estação e a cidade
E o mequetrefe
Vai tocar viola nas vendas
Porque a bateia está ali mesmo

TRAITUBA

O sobrado parecia uma igreja
Currais
E uma e outra árvore
Para amarrar os bois

O pomar de toda fruta
E a passarinhada
Joá na roça de milho
Carros de fumo puxados por 12 bois
Codorna tucano perdiz araponga
Jacu nhambu juriti

SEMANA SANTA

A matraca alegre
Debaixo do céu de comemoração
Diz que a Tragédia passou longe
O Brasil é onde o sangue corre
E o ouro se encaixa
No coração da muralha negra
Recortada
Laminada
Verde

PROCISSÃO DO ENTERRO

A Verônica estende os braços
E canta
O pátio parou
Todos escutam
A voz na noite
Cheia de ladeiras acesas

SIMBOLOGIA

Abraão tem bigodes pretos
A sabia que Deus colocava o Anjo atrás dele
Isaac é inocente e pequeno e nuzinho
Os homens que carregam o caixão
Estão todos de branco
E descalços

O soldado romano

É zangadíssimo
E tem cabelo na cara

O padre saiu para a rua
De dentro de um quadro antigo

SÃO JOSÉ DEL REI

Bananeiras
O Sol
O cansaço da ilusão
Igrejas
O ouro na serra de pedra
A decadência

SÁBADO DE ALELUIA

Serpentes de fogo procuram morder o céu
E estouram
A praça pública está cheia
E a execução espera o arcebispo
Sair da história colonial

Longe vai tempo soltaram a lua
Como um balão de dentro da serra

Judas balança caído numa árvore
Do céu doirado e altíssimo

Jardins
Palmeiras
Negros

BUMBA MEU BOI

Descolocado
Arrebentado
Vai saí

A companhia do arraiá
Da Boa Sorte

Sob o estandarte
A tourada dança
Na música noturna

RESSURREIÇÃO

Um atropelo de sinos processionais
No silêncio
Lá fora tudo volta
À especulosa tranqüilidade de Minas

MENINA E MOÇA

Gostei de todas as festas
Porque esse negócio de missa
É procissão
É só para os olhares
Vou agora triste no trem
Com aquela paixão
No coração
Vou emagracar
Junto às palmeiras
Malditas
Da fazenda

CASA DE TIRADENTES

A Inconfidência
No Brasil do ouro
A história morta
Sem sentido
Vazia como a casa imensa
Maravilhas coloniais nos tetos
A igreja abandonada
E o sol sobre muros de laranja

Na paz do capim

CHAGAS DÓRIA

Picassos na parede branca
E mais nada
Sob o teto de caixões
Mas na sacristia
Uma imagem barbuda
Arregalada de santidade
Mas espera como uma criança de colo

MAPA

Ibitiruna
Campos sertanejos
Carmo da Mata
Tartária
E a máquina de brincadeira
Que corre dois dias
Atrás da barra do Paraopeba

CAPELA NOVA

Salão Mocidade
Hotel do Chico
Uma igreja velha e cor-de-rosa
Na decoração dos bananais
Dos coqueirais

DOCUMENTAL

É o Oeste no sentido cinematográfico
Um pássaro caçoa do trem
Maior do que ele
A estação próxima chama-se Bom Sucesso

Floresta colinas cortes
E súbito a fazenda nos coqueiros
Em grupo de meninas entra no filme

PAISAGEM

Na atmosfera violeta
A madrugada desbota
Uma pirâmide quebra o horizonte
Torres espirram do chão ainda escuro
Pontes trazem nos pulsos rios bramindo
Entre fogos
Tudo novo se desencapotando

LONGO DA LINHA

Coqueiros
Aos dois
Aos três
Aos grupos
Altos
Baixos

SANTA QUITÉRIA

Palmas imensas
Sobem dos caules ocultos
Cercas e cavalos
a raça que se apruma

APROXIMAÇÃO DA CAPITAL

Trazem-nos poemas no trem
Azuis e vermelhos
Como a terra e o horizonte
É um hotel rigorosamente familiar

Que oferece vantagens reais
Aos dignos forasteiros
Havendo o máximo escrúpulo na direção da cozinha

Casas defendem o vosso próprio interesse
Proporcionando-vos uma economia
De 2\$000, de 3\$000
Impermeáveis
Borzeguins
Pijamas

BARREIRO

Estradas de rodagem
E o canto dos meninos azuis da Gameleira
A paisagem nos abraça
Pontes
Alvenaria
Ninhos
Passarinhos
A escola e a fazenda de duzentos anos

CANÇÃO DO VIRA

Coa comade pode
Pode
Quá o quê
Afinca
Afinca

LAGOA SANTA

Águas azuis no milagre dos matos
Um cemitério negro
Ruas de casas despencando a pique
No céu refletido

VIVEIRO

Bananeiras monumentais
Mas no primeiro plano
O cachorro é maior que a menina
Cor de ouro fosco

As casas do vale
São habitadas pela passarada matinal
Que grita de longe
Junto à Capela
Há um pintor
Marcolino de Santa Luzia

SABARÁ

Este córrego há trezentos anos
Que atrai os faiscadores
Debaixo das serras
No fundo da bateia lavada
O sol brilha como ouro
Outrora havia negros a cada metro de margem
Para virar o rio metálico
Que ia no dorso dos burros
E das caravelas
Borda Gato
Os paulistas traídos
Sacrilégios
O vento

OURO PRETO

Vamos visitar São Francisco de Assis
Igreja feita pela gente de Minas
O sacristão que é vizinho de Maria Cana-Verde
Abre e mostra o abandono
Os púlpitos do Aleijadinho
O teto do Ataíde

Mas a dramatização finalizou
Ladeiras do passado
Esquartejamentos e conjurações
Sob o Itacolomi
Nos poços mecânicos policiados
Da Passagem
E em alguns maus alexandrinos

Só o Morro da Queimada
Fala do Conde de Assumar

CONGONHAS DO CAMPO

Há um hotel novo que se chama York
E lá em cima na palma da mão da montanha
A igreja no círculo arquitetônico dos Passos
Painéis quadros imagens
A religiosidade no sossego do sol
Tudo puro como o Aleijadinho

Um carro de boi canta como um órgão

OCASO

No anfiteatro de montanhas
Os profetas do Aleijadinho
Monumentalizam a paisagem
As cúpulas brancas dos Passos
E os cocares revirados das palmeiras
São degraus da arte do meu país
Onde ninguém mais subiu

Bíblia de pedra sabão
Banhada de ouro das minas

Lóide Brasileiro

CANTO DO REGRESSO À PÁTRIA

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo

TARDE DE PARTIDA

Casas embandeiradas
De janelas
De Lisboa
Terremoto azul
Fixado
Nos nevoeiros históricos
O teu velho verde
Crepita de verdura
E de faróis

Para o adeus da pátria quinhentista
E o acaso dos Brasis

CIELO E MARE

O mar
Canta como um canário
Um compatriota de boa família
Empanturra-se de uísque
No bar
Famílias tristes
Alguns gigolôs sem efeito
Eu jogo
Ela joga
O navio joga

O CRUZEIRO

Primeiro farol de minha terra
Tão alto que parece construído no céu
Cruz imperfeita
Que marcas o calor das florestas
E os discursos de 22 câmaras de deputados
Silêncio sobre o mar do Equador
Perto de Alfa e de Beta
Perdão dos analfabetos que contam casos
Acaso

ROCHEDOS SÃO PAULO

Everest da Atlântica
Vanguarda calcinada do Brasil
Ponto geocêntrico eriçado
Contra as escarpas das ondas
Do Amazonas
Poleiro de Gago Coutinho

FERNANDO DE NORONHA

De longe pareces uma catedral
Gravando a latitude
Terra habitada do mar
Pela minha gente
Entre contrafortes e penedos vulcânicos
Uma ladeira coberta de mato
Indica muro branco de cemitério
A igreja
Quatro antenas
Levantadas entra a Europa e a América
Um farol e um cruzeiro

RECIFE

Desenvoltura
Atração sinuosa
De terra pernambucana
Tudo se enlaça
E absorve em ti
Retilínea
Cana de açúcar
Dobrada
Para deixar mais alta
Olinda
Plantada
Sobre uma onda linda
Do mar pernambucano

Mas os guindastes
São canhões que ficaram
Em memória
Da defesa da Pátria
Contra os holandeses

Chaminés
Palmares do cais
Perpendiculares aos hangars
E às boas negras d'óleo
Baluarte do progresso

Pare render
Os velhos fortes
Carcomidos
Pelos institutos históricos

Na paisagem guerreira
Os coqueiros se empenacham
Como guerreiros em festa

Ruas imperiais
Palmeiras imperiais
Pontes imperiais
As tuas moradias
Vestidas de azul e de amarelo
Não contradizem
Os prazeres civilizados
Da Rua Nova
Nos teus paralelepípedos
Os melhores do mundo
Os automóveis
Do Novo Mundo
Cortam as pontes ancestrais
Do Capiberibe

Desenvoltura
Concreto sinuoso
Que liga o arranha-céu
À bênção das tuas igrejas
Velhas
De abençoar

A gente corajosa
De Pernambuco

ESCALA

Sob um solzinho progressista
Há gente parada no cais
Vendo um guindaste
Dar tiro no céu

VERSOS BAIANOS

Tua orla Bahia
No benefício destas águas profundas
E o mato encrespado do Brasil

Uma jangada leva os teus homens morenos
De chapéu de palha
Pelos campos de batalha
Da Renascença

Este mesmo mar azul
feito para as descidas
Dos hidroplanos de meu século
Frequêntado rendez-vous
De Holandeses de Condes e de Padres
Que Amaralina atualiza
Postes das saudades transatlânticas
Riscando o ocre fotográfico
Entre Itapoã e o farol tropical

A bandeira nacional agita-se sobre o Brasil
A cidade alteia cúpulas
Torres coqueiros
Árvores transbordando em mangas rosas
Até os navios encorados
Forte de São Marcelo
Panela de pedra na história colonial
Cozinhando palmas

E as tuas ruas entreposto de Mundo
e os teus sertanejos asfaltados
E o teu ano de igrejas diferentes
Com um grande dia santo
Catedral da Bahia
Genuflexório dos primeiros potentados
Confessionário dos inquisidores
Catedral

Es o fim do roteiro de Robério Dias
Romance de Alencar
Encadernado em ouro
Por dentro

Mais grandiosa que São Pedro
Catedral do Novo Mundo

Passa uma iole
Com remadores brancos
No ocaso indigesto
De Itaparica

NOITE NO RIO

O Pão de Açúcar
É Nossa Senhora da Aparecida
Coroadada de luzes
Uma mulata passa nas Avenidas
Como uma rainha de palco
Talco
Fácil
Árvores sem emprego
Dormem de pé
Há um milhão de maxixes
Na preguiça
Quem vem do fundo da colônia
Do mar
Da beleza de Dona Guanabara
Paixões de féerie
O Minas Gerais pisca para o Cruzeiro

ANÚNCIO DE SÃO PAULO

Antes da chegada
Afixam nos offices de bordo
Um convite impresso em inglês
Onde se contam maravilhas de minha cidade
Sometimes called the Chicago of South America

Situada num planalto
2 700 pés acima do mar
E distando 79 quilômetros do porto de Santos
Ela é uma glória da América contemporânea
A sua sanidade é perfeita

O clima brando
E se tornou notável
Pela beleza fora do comum
Da sua construção e da sua flora

A Secretaria da Agricultura fornece dados
Para os negócios que aí se queiram realizar

CONTRABANDO

Os alfandegueiros de Santos
Examinaram minhas malas
Minhas roupas
Mas se esqueceram de ver
Que eu trazia no coração
Uma saudade feliz
De Paris

Laus Deo